

**Folha de S. Paulo**

**22/6/1997**

## **TRABALHO FEMININO**

### **'Usina pede exame de esterilidade'**

*Trabalhadora ficou três meses sem emprego*

da enviada especial a Barrinha

A trabalhadora do corte de cana Marlene Silva Costa, 31, veio de Ipirá (BA) para trabalhar na região de Ribeirão Preto.

Ela mora em Barrinha (36 km de Ribeirão Preto) e trabalha na Usina São Martinho.

Marlene afirmou a Folha que ficou um tempo desempregada porque algumas usinas lhe exigiam exame de esterilidade.

Folha — Por que você veio de tão longe para trabalhar aqui?

Marlene Silva Costa — Eu vim para ajudar o meu ex-marido a criar nossos quatro filhos. Lã na Bahia não dá para juntar dinheiro. Não tem emprego por lá.

Folha — Você conseguiu emprego fácil?

Marlene — Quando eu cheguei, há dois anos meu marido arrumou emprego para mim.

Depois, nós nos separamos e eu tive que me virar sozinha.

Este ano, eu passei três meses desempregada na safra porque as usinas exigiam exame que comprovasse que eu sou operada e não posso ter filhos.

Folha — Como é o trabalho para as mulheres na cana-de-açúcar?

Marlene — Ninguém quer pegar mulher. Eles falam que a gente é mais fraca, que não agüenta o trabalho. Além disso, a gente tem que cuidar dos filhos. Mas mulher trabalha como homem para poder ganhar um dinheiro.

Folha — Então as usinas preferem mulher solteira?

Marlene — Eles não querem mulher de jeito nenhum. Mesmo se for solteira, eles falam que pode ficar grávida e que só dá trabalho, porque tem que tirar licença, essas coisas. Se for casada e tiver filhos, é pior ainda.

Folha — Tem poucas mulheres no corte de cana-de-açúcar?

Marlene — Trabalho porque tenho que sustentar meus filhos.

(CIBELE BARBOSA)

**(Folha Ribeirão)**